

Marc Bloch: um combatente da e pela história

OBRA: BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

*Autora: Silvana Vilodre Goellner**

No início deste século, Marc Bloch trouxe uma grande contribuição à história, possibilitando um alargamento de perspectiva no tocante à construção de estudos historiográficos. Decorrente de uma concepção de história que não a historizante (tradicional, metódica e factual), apontou-a, junto com Lucien Febvre, como uma ciência em movimento, traduzindo-se sempre em uma possibilidade de conhecimento daquilo que constitui seu cerne: “o espírito humano”.

Ao tentar escrever sobre este texto de Bloch estou pensando na importância que ele tem na construção e consolidação de um outro olhar histórico. Trago-o, portanto, como um exemplo metodológico da escrita e da compreensão da história.

Na obra “*Os Reis Taumaturgos*”, apresentada em 1924, Bloch vai tentar entender como se consolidou, a partir do século X, na França e na Inglaterra, a crença no poder curativo dos reis que, além de poder político, eram tidos também como taumaturgos. Analisa a concepção da realeza sagrada não apenas pelo olhar administrativo, político e econômico (comum aos estudos historiográficos de então), mas tendo como elementar outro, direcionado para a idéia das representações coletivas e da mentalidade do homem medieval.

Inicia seu texto buscando caracterizar onde situavam-se as origens na crença do sagrado poder régio, lapidando os vestígios do passado para elucidar como esta crença se manifestou e perdurou ao longo de oito séculos para, posteriormente, demonstrar quando e porque razões esta fé sofreu abalos deixando até mesmo de existir. Bloch constrói seu percurso de forma brilhante quando, dado os poucos

instrumentos da análise disponíveis na época em que escreveu o livro, projeta possibilidade para a compreensão do passado a partir do olhar do presente. Acaba por causar espanto frente aos cruidos de seu tempo, vez que resolve imiscuir-se num tema decerto extravagante para uma ciência acostumada aos grandes personagens e episódios. Ao redimensionar a compreensão de história política, elucida que o aparentemente anedótico para os historiadores do absolutismo - os ritos de cura e o milagre - foram, na verdade, um engendramento histórico forjado para assegurar uma determinada concepção de realeza, em cujo pano de fundo se desenhava uma grande rivalidade entre as casas dinásticas dos dois países num tempo e espaço caracterizado por disputas singulares.

A abordagem aos testemunhos é importante na obra de Bloch, fundamentalmente, porque toma como fonte não apenas os escritos oficiais mas porque elege como testemunho qualquer informação que reporte ao passado, seja ela explícita ou não. Sua metodologia permite o levantamento de várias hipóteses, desde que não sejam encerradas pelo historiador no horizonte das certezas. Assim, recorrendo tanto ao levantamento de hipóteses quanto à aproximações explicativas, o autor utiliza-se de duas possibilidades metodológicas que entrecruzam-se todo o tempo: o diálogo e o silêncio das fontes, presentes tanto nos documentos entre si como entre Bloch e os documentos. Portanto, enfrenta seus testemunhos, intriga-se, interroga-os constantemente; trava um diálogo permanente não apenas com o que está registrado mas com o que não aparece na escrita. Contrapõe observações, faz induções, intui,

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

perscruta as probabilidades. Parte de um registro e faz o caminho inverso/avesso: busca o que não disse e, ao fazê-lo, reafirma o dito ou acaba por desdizê-lo. Toma sempre uma atitude de ação com os testemunhos, evitando a passividade.

Bloch prima pela diversidade dos testemunhos em “Os Reis Taumaturgos” mostrando não só a importância e riqueza desta diversificação mas a própria diversificação. Utiliza cartas régias, livros de contas régias, peças administrativas de todas as categorias, literatura narrativa, escritos políticos ou teológicos, tratados médicos, textos litúrgicos, lendas, dossiê iconográfico, documentos eclesiásticos, livreto para uso de peregrinos, coleção epistolar, obras da história da medicina, e tantos outros, descobrindo as semelhanças a fim de as aproximar.

Para tecer essas aproximações Bloch inspira-se em metodologias e saberes externos à tradição historiográfica. Em “*Os Reis Taumaturgos*” é notório o diálogo estabelecido com a Antropologia, Psicologia, Sociologia e História da Medicina. Esta possibilidade metodológica (novidade na sua época) favoreceu uma explicação mais concreta e abrangente

para a crença no poder taumatúrgico dos reis que, mesmo considerada como um equívoco histórico, só foi possível devido à mentalidade do homem medieval e também à mentalidade religiosa presente neste momento, onde a separação entre o material e o sobrenatural era muito tênue, quase inexistente. Apesar desta mentalidade propiciar o alargamento da crença da realeza sagrada foi preponderante também o jogo das vontades individuais. Isto é, Bloch mostra que não apenas o contexto social possibilitou a consolidação da crença mas também a ação individual dos próprios reis.

A partir desta afirmação Bloch tece uma análise centrada nos interesses políticos que determinaram o aparecimento do rito da sagração, elencando argumentos que nos levam a entender que na França estava colocada a necessidade da afirmação da dinastia capetíngia e na Inglaterra havia o embate com a reforma gregoriana. Assim, se os motivos políticos não foram aquelas que criaram o milagre, certamente foram os responsáveis pela sua cristalização. No dizer de Bloch “o que criou a fé no milagre foi a idéia de que ali devia haver um milagre”.